

# MEDIAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA BIBLIOTECA DE UMA ESCOLA PÚBLICA, EM LONDRINA – PR

Rovilson José da Silva<sup>1</sup>  
Greice Ferreira da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Apresenta pesquisa desenvolvida numa escola de ensino fundamental II, 7º ano, em Londrina-PR, acerca da mediação da leitura literária. Busca compreender como se estrutura o trabalho de formação do leitor por meio da biblioteca. Trata-se de uma abordagem qualitativa para a produção dos dados, em especial, da observação e acompanhamento das aulas na biblioteca, no período de maio a dezembro de 2017.

## Introdução

Este artigo apresenta aspectos de uma pesquisa realizada em 2017, numa escola pública com duas turmas de 7º ano do ensino fundamental II, na cidade de Londrina – Paraná. Trata-se de um recorte no projeto de pesquisa *Biblioteca no Ensino Fundamental de Escolas Públicas de Londrina: mediação pedagógica da leitura e informação*.

A pesquisa foi desenvolvida, de maio a dezembro de 2017, com a observação participativa das aulas de literatura que aconteciam na biblioteca da escola, com duas turmas do sétimo ano, compostas, em média, por 30 alunos cada.

A previsão para o desenvolvimento da pesquisa ao longo daquele ano sofreu readequações devido aos reflexos de greves envolvendo a educação básica e universitária pública no Paraná, no ano anterior. Com isso, as aulas tiveram o calendário modificado e o período letivo iniciou-se com até dois meses de atraso, em abril, mas a observação nas aulas teve início em maio.

Essas alterações causaram desencontro nos calendários da escola fundamental e o da universidade. Assim, a pesquisa teve, inicialmente, seu planejamento alterado e se iniciou a partir de maio e se estendeu até dezembro de 2017. Além disso, a turma (7ª C) selecionada para participar da pesquisa teve a troca de professores: foram três de abril a agosto. Essa mudança na metodologia afetou, em primeiro lugar, aos alunos e, posteriormente, às aulas e consequentemente à observação mais detalhadas das aulas.

Diante da instabilidade vivida pela troca de professores na turma anterior, buscamos mais uma turma que vinha desenvolvendo o trabalho com as aulas de literatura na biblioteca e que não houvesse tido mudanças na docente. Assim, a partir de julho, iniciamos a observação em mais uma turma, a 7ª F.

A seguir, apresentaremos o desenvolvimento realizado e possível, diante das circunstâncias, de acompanhamento da mediação da literatura na biblioteca da escola para os sétimos anos.

## Metodologia

A pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, pois metodologicamente permite ao pesquisador olhar o mundo com o olhar do outro. Para Flick (2009) a observação do campo permite ao pesquisador ampliar sua compreensão acerca do fato investigado, contribuindo para

---

<sup>1</sup> EDU/UDEL. E-mail: [rovilson@uel.br](mailto:rovilson@uel.br).

<sup>2</sup> EDU/UDEL. E-mail: [greice@uel.br](mailto:greice@uel.br).

a produção de conhecimento. Nessa perspectiva de maior proximidade com o problema da pesquisa, realizamos observações participativas nas aulas de literatura que aconteciam na biblioteca, nas aulas de língua portuguesa.

A pesquisa foi desenvolvida numa instituição pública de ensino de Londrina-Pr, localizada na região central, uma das mais antigas e tradicionais da cidade. Em geral, os alunos atendidos pela instituição advêm da região central e de bairros próximos ao centro da cidade. A escola atendia as modalidades Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Cursos Técnicos com, aproximadamente, 1700 alunos distribuídos em três turnos: manhã, tarde e noite. O Ensino Fundamental II correspondia a 21 turmas, no período vespertino, com aproximadamente 650 alunos.

### **As aulas na Biblioteca Escolar**

No ano letivo anterior, os professores de língua portuguesa e atendentes de biblioteca selecionaram os títulos de literatura infantojuvenil para serem lidos em 2017 pelos alunos do 6º ao 9º ano. A aquisição dos livros seria feita pelos alunos que pudessem adquirir pela lista de materiais.

Da compra realizada pelos alunos, advieram quase 200 livros, apenas 1/3 dos 650 alunos distribuídos em 21 turmas. Por exemplo, a obra *O preço do Sucesso*, de Giselda Laporta Nicolelis, resultou em 40 volumes que seriam utilizados por quatro turmas (7ªC, 7ªD, 8ª E, 8ª F), em aulas distintas, portanto, os livros não poderiam sair da biblioteca e a leitura era realizada apenas lá, nos 50 minutos destinados à aula. Isso não permitia empréstimo, o que era um limitador para a leitura.

### **Observação das aulas de literatura infantojuvenil nos 7ºs anos**

Na instituição pesquisada, uma das aulas de língua portuguesa destinava-se à leitura na biblioteca, uma vez por semana, por 50 minutos. As observações aconteceram em duas turmas (7º C e 7º F) que, ao todo, tiveram quatro professoras: três na 7ª C - professoras A, B e C - no período de abril a setembro/2017. E a 7ª F que manteve a mesma professora durante o ano letivo, mas que nossa observação se iniciou em julho e terminou em novembro.

A 7ª C iniciou em abril com a professora A, mas um mês após o início do período letivo, afastou-se por atestado médico. Assim, a professora B chegou para substituir uma das mais queridas professoras do sétimo ano. Para a turma, duplo impacto: a perda da professora dinâmica, carismática, que os acompanhava desde o sexto ano e, segundo, por receber nova professora com outra dinâmica pedagógica, embora aparentasse tão comprometida quanto a anterior.

Diante do quadro apresentado, a professora B esforçava-se para criar vínculos com os alunos, mas faltava tempo, amadurecimento da relação que estava estilhaçada pela troca de professora. Durante nossas observações constatamos as tentativas da professora em se aproximar e, ao mesmo, tempo a rejeição dos alunos a ela. Com isso, a aula tornava-se um acúmulo de ruídos, conversas esparsas, pois parte dos alunos fingia ler, ou manusear o livro.

A organização pedagógica da aula da professora B estruturou-se, predominantemente, em dois aspectos: leitura livre e relacionar a leitura do livro a conteúdos da prova. Decorre daí a concepção de leitura e mediação de leitura da regente calcada basicamente na reprodução, na produção de escrito em detrimento da produção de sentido, da relação dialógica nesse processo de formação do leitor, conforme Arena (2010, p. 17) esclarece:

Nessas relações entre o gênero literário e o pequeno leitor, destaca-se o processo de atribuição de sentidos, considerado a pedra de toque do ato de ler. Materializado e inscrito em seu suporte, o gênero chega às mãos do leitor pela

mediação do outro. O mediador espera que a obra possa manter uma relação dialógica histórica e cultural com o leitor.

As aulas na biblioteca eram apenas a continuidade de uma aula de gramática, mudou-se apenas o ambiente, pois a prática pedagógica era a mesma, voltada a enquadrar a leitura apenas para responder questões escritas que poderiam ser conteúdo da prova que se aproximava. Não havia espaço para diálogos: nem da professora com os alunos e nem dos alunos com a obra ou das leituras que a turma fez da obra. De acordo com Fernandes (2015, p. 21):

[...] quando levamos um texto para o exercício de leitura e interpretação em âmbito pedagógico, a concepção do dialogismo permeia toda a relação de ensino aprendizagem. A compreensão dialógica permite que o aluno discuta os dizeres do texto e perceba as relações sócio-históricas, depreenda intertextualidades, verifique a mobilidade dos valores e observe os processos de constituição do texto.

Nesse ínterim, a linguagem é entendida como uma abordagem histórica em que o foco é a interação verbal e cuja realidade fundamental é o seu caráter dialógico. Assim, criar a necessidade de ler implica uma relação dialógica, a atitude responsiva do *outro*, a interação ativa com o texto, com o mediador e consigo mesmo que atua também como o *outro* nesse processo. Portanto, ler implica lidar com uma língua viva, dinâmica, em constante movimento (BAKHTIN, 1997).

Em julho, a professora B deixou a turma. Em agosto assumiu a professora C. A troca de professores na turma mexeu com sua organização, com sua identidade e, principalmente, o vínculo pedagógico às aulas na biblioteca. Nesse contexto, a autorização para a 7ª C participar da pesquisa já adquiriu outro sentido: mudou a docente, não eram mais os mesmos procedimentos. Não havia espaço para a interação entre a palavra escrita com a palavra oral de modo que o aluno pudesse estabelecer relações com a leitura e desenvolvesse de forma cada vez mais elaborada o pensamento (VIGOTSKI, 2000). Assim, a cada dia, a docente tinha justificativa para não ir às aulas na biblioteca e, após algumas tentativas para assistirmos suas aulas, compreendemos que não era o momento apropriado para a pesquisa e nos retiramos.

Portanto, pudemos inferir que “o campo das relações interpessoais está diretamente ligado ao conteúdo afetivo-relacional da constituição do ser em desenvolvimento” (MILLER; ARENA, 2011, p. 349). Os sentidos pessoais que são construídos ao longo da existência do sujeito, ao modo como ele vê e sente os acontecimentos que vivencia em seu meio, na interação com as pessoas e com o conteúdo cultural que compõe o conteúdo de sua atividade interferem diretamente na sua aprendizagem, na criação de necessidades humanizadoras. (VIGOTSKI, 2010; MILLER; ARENA, 2011).

Quanto à turma 7ªF, as observações aconteceram de julho a novembro de 2017. Ao chegarmos à aula da professora D, constatamos o clima amistoso, cordial dos alunos com os demais, inclusive com os pesquisadores, o que não tínhamos presenciado em nenhuma das aulas até então observadas.

Ação pedagógica da professora D era objetiva, pois os alunos sabiam o que a professora esperava deles naquele momento. Para as aulas, em geral, os alunos liam os capítulos previstos e depois faziam uma atividade escrita, ou de desenho, ou colagem, para compor uma pasta com as atividades para o bimestre do livro lido. Assim, as atividades de escrita tinham predominância em detrimento ao diálogo com obra, ao sentido, às referências que a leitura trouxe para os alunos, a fim de ampliar sua compreensão, desenvolver suas habilidades leitoras

e levá-lo de leitor principiante a leitor ativo, por meio da mediação do professor (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 68).

Em outro momento, no trabalho com o livro “Infância roubada” de Telma Guimaraes e Júlio Emílio Braz, a turma foi levada a trabalhar numa apresentação teatral. Assim, os alunos foram divididos em grupos e trabalharam no texto, na caracterização e fizeram apresentação para outras turmas.

A professora D era organizada pedagogicamente, exigente e muito apreciada pelos alunos, conforme depoimento do aluno C, de 13 anos, que afirmou “hoje em dia leio bem melhor por causa das aulas na biblioteca”. Ainda nessa perspectiva, a professora D afirmou em entrevista: “[...] eu gosto muito do que eu faço e sinto que eu preciso aperfeiçoar, tanto que ando pensando no que eu vou fazer o ano que vem [...]”.

Ficava evidente a postura da docente de compromisso com seu trabalho, com a formação do aluno. Importante esclarecer que essa professora era efetiva na escola, o que não era o caso das professoras B e C.

### **Considerações finais**

Com a pesquisa, pudemos constatar que o trabalho com a literatura infantojuvenil está ligado, predominantemente, à escrita em detrimento da interação dialogada acerca da obra, de seu conteúdo e do sentido que provocou no leitor. Além disso, há o esvaziamento do aspecto artístico do texto, da possibilidade de se exercitar a fruição estética que a leitura possa proporcionar.

Está ausente a ação pedagógica que intermedeie a interação professor-aluno em busca do sentido do texto, à compreensão daquilo que lê. Prevalece a repetição de atividades ora mecânicas de identificação de personagens e trechos, ou representação pictórica do enredo, ora atividades “livres”, aonde os alunos vão à biblioteca e leem o que querem, sem prévia organização do professor.

Pudemos constatar ainda que as relações interpessoais entre professor e alunos interferem diretamente no processo de ensino e de aprendizagem e, no caso, na formação leitora. O professor desempenha um papel fundamental na organização e desenvolvimento das relações interpessoais na sala de aula, na biblioteca escolar, uma vez que cabe a ele a tarefa de organizar o processo de ensino. Quanto mais positivas forem essas relações, maiores são as possibilidades de se criar interesses, necessidades de ler e envolvimento nos alunos e, portanto, maiores serão as aprendizagens, uma vez que afetivo e cognitivo formam uma unidade (VIGOTSKI, 2010).

As relações que se estabeleceram nas aulas de literatura na instituição pesquisada, preliminarmente, oferecem-nos subsídios para reafirmar a importância da mediação da literatura na escola e, em especial, por meio da biblioteca escolar. Além disso, há aspectos a serem aperfeiçoados em relação à mediação que se faz nessas aulas, ou seja, promover a interação, o diálogo entre o leitor e a leitura.

### **Referências**

ARENA, Dagoberto Buim. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura. In: SOUZA, R. J. et al. *Ler e Compreender: estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. (Org.). *Leitura e mediação pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca; SOUSA FILHO, Sinval Martins de. *Leitura: ações de mediação pedagógica*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Bookman, 2009.

GUIMARÃES, Telma; BRAZ, Júlio Emílio. *Infância roubada: a exploração do trabalho infantil*. São Paulo: FTD, 2013.

MILLER, Stela; ARENA, Dagoberto Buim. A constituição dos significados e dos sentidos no desenvolvimento das atividades de estudo. *Ensino Em Re-vista*, v. 18, n. 2, p. 341-353, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/issue/view/694>>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

NICOLELIS, Giselda Laporta. *O preço do sucesso*. São Paulo: FTD, 2001.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Quarta aula: A questão do meio na Pedagogia. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, out./dez. 2010.